

**ERA UMA VEZ UM GRUPO DE PROFESSORAS... ANÁLISE DE UMA
HISTÓRIA
DE LETRAMENTO E DE FORMAÇÃO CONTINUADA ***

Gislainy Soares FARINHA

RESUMO *Relatamos e analisamos a constituição e as atividades desenvolvidas por um grupo de estudos, sem fins lucrativos, criado em Santa Bárbara D' Oeste/SP, denominado Reuniões para Estudos de Ensino de Língua Portuguesa (REELP). Sete professoras da rede pública estadual de São Paulo estiveram à frente da fundação e manutenção do grupo, no período de 1996 a 2001. Delineamos um mosaico socio-histórico da profissão docente, apresentando os problemas enfrentados pelos professores em sua formação inicial e continuada e as suas relações com o Estado e os saberes necessários à prática docente, demarcando, assim, as condições históricas que propiciaram o surgimento do REELP. Por meio de entrevistas com os membros da diretoria do grupo e com algumas professoras que mais participaram das atividades reconstituímos uma versão do que foi esse projeto que caracterizamos como um projeto de autoformação continuada. Analisamos a organização e as estratégias utilizadas pelos membros da diretoria do REELP para atrair a participação dos professores. As entrevistas possibilitaram um olhar sobre as representações sociais das professoras sobre o exercício docente, a partir do que elas consideraram as contribuições do REELP e as pequenas mudanças que se fizeram por meio dessa experiência.*

ABSTRACT *The purpose of this work is to analyse activities developed by a non-profit study group, created in Santa Barbara D'Oeste/SP, that goes by the name of REELP (Portuguese Language Education Studies Meetings). Seven teachers from the Public School System of the State of São Paulo founded and maintained the group, from 1996 to 2001. We start with a review of the history of the teaching profession in order to show the problems faced by teachers in their initial and continuing education, in their relations with the State and with university, and to delimit the historical conditions which account for the start of REELP activities. Through interviews with*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de novembro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Angela B. Kleiman.

the group's board of directors and some teachers who had frequent attendance in the meetings we construct a version about this project's activities for continuing self-education. We analyse the organization and strategies used by the board members of REELP in order to attract membership, describing the new worlds of literacy involved in the execution of these tasks. The interviews also give us an insight about the social representation of teachers about their practice and about the aspects that they considered as contributions of REELP towards change in their teaching practice.

INTRODUÇÃO

O REELP é um grupo que se propõe a oferecer um espaço para que os professores possam depositar suas angústias e encontrar meios para realizar um trabalho que faça sentido aos próprios professores e aos seus alunos. Os recursos para a manutenção do grupo provinham de uma taxa cobrada dos professores em cada encontro, e da promoção de outras atividades que tinham por objetivo angariar fundos para o grupo, tais como: venda de pizzas e camisetas, idas ao teatro com os alunos e excursões para professores. Nem sempre conseguíamos um quorum que possibilitasse saldar os custos dos eventos.

O objetivo central deste trabalho é elaborar uma reflexão sistematizada sobre as atividades promovidas pelo REELP e uma análise crítica de todo processo de criação, manutenção do grupo e das relações que estabelecia com o mundo acadêmico, a fim de verificar quais as possíveis contribuições dos eventos realizados no interior do grupo para a mudança daqueles professores que mais participaram. Nesse sentido, as análises incidirão, principalmente, nas percepções positivas das professoras sobre as suas participações nas atividades do grupo e o que ela consideraram como os efeitos positivos do REELP. Assim, podemos verificar o que as professoras identificam como uma formação continuada relevante e que pode contribuir em sua reflexão sobre a prática docente.

A Linguística Aplicada apresenta-se, portanto, como um espaço privilegiado para o desenvolvimento desta pesquisa, porque possibilita discutir a formação de professores, especialmente o professor de Língua Portuguesa, com um referencial teórico e metodológico que permite compreender melhor o processo que vivenciamos no REELP. O paradigma de pesquisa adotado é o da pesquisa qualitativa. Nosso objetivo é analisar o conjunto de práticas e eventos de letramento promovidos pelo grupo, a fim de conhecer os possíveis resultados e efeitos nas representações que os professores fazem de si mesmos e de suas práticas; é pintar um quadro dos eventos e entender a função das práticas situadas nesse contexto de formação.

Esse trabalho faz parte do conjunto de pesquisas desenvolvidas no grupo Letramento do Professor, coordenado pela Profª. Drª. Ângela Kleiman. A perspectiva teórica dos trabalhos é orientada pelos estudos do letramento como práticas situadas, portanto, levando em consideração as necessidades profissionais, relevantes para o local de trabalho.

Para responder nossas questões, além da análise de documentos produzidos pelo grupo, entrevistamos em profundidade doze professoras; escolhemos seis que mais freqüentaram as atividades promovidas pelo REELP e os seis membros da diretoria do grupo. Por meio de entrevistas, as professoras rememoraram os cursos, focalizando os temas e conteúdos desenvolvidos; as mudanças que isso provocou em sua prática e/ou a confirmação do que já estavam realizando.

As perguntas que guiaram as entrevistas foram: 1- O que o REELP significou para você? 2- Dentre as atividades de que você participou, de qual(is) você se lembra? 3- Houve alguma mudança em sua prática depois de sua participação no REELP? 4- Você acha que mudou a sua escrita depois de sua participação no REELP?

1- PANORAMA SOBRE A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES

O objetivo deste capítulo é apresentar um breve panorama sobre a formação de professores, a política de formação em serviço da SEE/SP nas últimas duas décadas e as propostas de mudanças no ensino de Português, para compreender como foram construídas, historicamente, as condições para o surgimento do REELP.

1.1. Breve panorama da formação de professores

Há uma vasta produção brasileira sobre os aspectos históricos da profissão docente, tais como: formação de professores, instituições, saberes, atividades docentes e organização da categoria do magistério. Porém, a expressão “história da profissão docente”, segundo Catani (2000) é mais rara e revela “*a noção unificadora das várias dimensões do exercício profissional do magistério.*”(p.587).

A formação de professores, no Brasil, teve início com as Escolas Normais, fundadas na metade do século XIX, no momento em que surgiam também na Europa. Essas escolas funcionaram de 1835 até 1971. A partir da lei nº 5.692/71, houve sua transformação em uma das habilitações do ensino técnico de 2º grau, o Magistério. E a partir da LDB nº 9.394/96 é que haverá a exigência da formação em nível superior¹ para os professores das séries iniciais do ensino fundamental.

¹ A partir da Resolução SE 119 de 07.11.2003, o curso de Magistério não será mais oferecido pela pública estadual. Fazendo-se cumprir as determinações da LDB 9.394/96.

Desde os anos finais do Império no Brasil, momento em que as Escolas Normais são abertas às mulheres, podemos observar o denominado processo de feminização do magistério. Tanuri (2000) aponta como responsáveis por tal processo: os baixos salários, encaminhamento profissional como alternativa ou para o casamento ou para o serviço doméstico, especialmente das órfãs institucionalizadas. Tal processo tem sido responsabilizado pelo desprestígio social da profissão e pelos baixos salários.

Além das questões referentes aos lugares institucionalizados para aquisição de conhecimento - a formação -, há também questões relacionadas ao mundo do trabalho, a *profissão professor*. Os processos de profissionalização e de proletarização estão relacionados à autonomia docente para trabalhar o conjunto de saberes profissionais necessários para sua tarefa. No entanto, há uma complexa rede de controle e de poder do Estado e da universidade sobre tais conhecimentos. Tal complexidade deve muito também ao valor que é dado por esses agentes e pela sociedade aos professores e à escola.

1.2. Alguns aspectos do processo de profissionalização docente

É possível que, em determinados momentos históricos, a representação social tanto dos professores como da escola seja de maior ou menor prestígio. Como também são diferenciados os mecanismos de controle exercidos sobre a profissão (sofrido pelo professor). No início do século XX, por exemplo, a escola e os professores atendiam às expectativas sociais.

Mas, a partir das últimas décadas do século XX, a *profissão professor* vem passando por um processo de desvalorização cada vez maior, pelo chamado processo de proletarização ou desprofissionalização. Tais processos representam as condições que os professores vivenciam com relação ao seu *status* de profissional. O primeiro significa a busca pelo reconhecimento e pelo controle de sua própria profissão. Já a proletarização é o processo inverso, isto é, simboliza o desprestígio, a falta de poder e as condições precárias de trabalho, que fazem com que os professores tenham que lutar pela sua sobrevivência na escola e fora dela. A superlotação das salas de aulas, os baixos salários, a falta de tempo disponível para a formação forçam esses profissionais a relegarem a busca pelo reconhecimento de sua profissão e de sua autonomia em segundo plano.

1.3. A formação em serviço oferecida pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo nos últimos vinte anos.

Para compreendermos melhor as condições em que surgiu o REELP, focalizaremos o trabalho desenvolvido pela SEE/SP a partir do governo Covas, momento em que se iniciaram as atividades do grupo.

O REELP surgiu um ano antes da implantação do PEC, momento em que vivenciávamos toda a mudança no governo. Nesta última década, foram poucos os

momentos em que os professores foram convocados para atividades de formação. Antes do PEC, os encontros realizados eram, muitas vezes, com autores de livros didáticos, pois as editoras patrocinam esse tipo de evento. A SEE/SP, apesar de suas tentativas de oferecer uma formação em serviço, ainda não conseguiu viabilizar um projeto de formação continuada que promova uma mudança significativa na prática dos professores.

1.4. Algumas contribuições de pesquisas acadêmicas para o ensino de Português

As atividades promovidas pelo REELP tinham também por objetivo compreender e conhecer as contribuições da Lingüística e da Lingüística Aplicada para o ensino de Português. Magda Soares (1996) identifica quatro áreas aplicadas ao ensino de Português, que vêm propondo alterações para o ensino da leitura, da escrita, as atividades de prática da oralidade e até mesmo o ensino da gramática: a) a Sociolingüística; b) a Lingüística; c) a Lingüística Textual; d) a Pragmática, a Teoria da Enunciação e a Análise do Discurso.

Uma quinta área que também tem produzido contribuições para a questão do ensino é a Lingüística Aplicada. No entanto, Kleiman (2002) argumenta que imaginar que a formação do professor depende de seu conhecimento das contribuições de diferentes áreas do conhecimento só pode levar ao abandono dos esforços de formação, pois as contribuições teóricas são muitas e em constante acréscimo.

2. A HISTÓRIA DO REELP E SEUS MODOS DE FUNCIONAMENTO

2.1. “A nova velha história”

Uma diferença entre os eventos promovidos pelo órgão oficial (SEE/SP) e o REELP é que a escolha dos temas e/ou assuntos abordados era feito pelos professores. Outra é que não havia uma imagem negativa dos professores, pois os palestrantes, em sua grande maioria, professores universitários, reconheciam e valorizavam a atitude dos professores de estarem nos sábados de manhã estudando. Ou seja, naquele espaço do REELP não era possível dizer que os professores são acomodados, não se interessam em aprender sobre sua área de atuação, que são mal-formados, e que não desenvolvem bem seu trabalho. Tais críticas aos professores já são do senso comum, no entanto, no REELP havia uma modalização dessa imagem. Também havia um acolhimento das questões trazidas pelos professores. Tínhamos vez e voz.

² Sub-título da obra “Fita verde no cabelo” de João Guimarães Rosa.

2.1.1. Surgimento do REELP

Criamos o REELP em 1996, quando estávamos começando a sentir os efeitos das reformas implantadas pelo governo Covas, que teve início em 1995. O surgimento do REELP esteve ligado à experiência que algumas professoras tiveram durante a implantação do Projeto Educacional “Escola Padrão”, da SEE/SP³, em Santa Bárbara d’Oeste (SP), pois as condições de trabalho nesse projeto propiciaram uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas e sobre a necessidade de uma formação continuada.

A implantação do Projeto Escola-Padrão (de 1992 a 1994) trouxe algumas inovações na organização das escolas e no trabalho dos professores. Foi interrompido em 1995, devido à mudança no governo do Estado. Alguns benefícios da “Escola Padrão” foram mantidos e ampliados para toda a rede.

2.1.2. Os modos de funcionamento da Diretoria do grupo

Desde o início das atividades do REELP mantivemos a mesma diretoria; não chegamos a realizar nenhuma das eleições que estavam previstas, apesar de que, em alguns momentos, chegamos a discutir o assunto. No entanto, tal questão não era a que mais preocupava o grupo, que mantinha o seu foco no aspecto financeiro, em como angariar recursos para a realização das atividades e em como atrair a participação dos professores.

2.1.3. O modo feminino de gerar ações de formação continuada

Ao elaborarmos as atividades do REELP tínhamos preocupações que tradicionalmente têm caracterizado a atuação feminina, tais como: o acolhimento dos participantes, a criação de um clima agradável e aconchegante, a refeição (café da manhã), a preocupação com o conforto e tranquilidade dos participantes (refeições, babá para cuidar dos filhos) e os detalhes estéticos.

No tratamento das questões organizacionais (o que precisamos fazer para realizar os encontros), políticas (a criação de um espaço de liberdade, fora do controle do Estado) e de conteúdo (os temas que queremos e necessitamos discutir), podemos distinguir um modo de fazer marcado pela afetividade, que transcendia as preocupações acadêmicas e administrativas.

³ Decreto nº 34.035, de 22/10/1991. O Projeto “Escola Padrão” – na gestão do governador Luis Antonio Fleury Filho – seria implantado de forma gradativa, portanto somente algumas escolas tiveram esse projeto executado.

3. RELATO E ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA DE LETRAMENTO

Organizar e executar as atividades do REELP era algo muito novo tanto para nós, que estávamos à frente dessa organização como para os outros professores que faziam parte da Diretoria de Ensino de Americana e que recebiam nossa correspondência. Mas ao tentarmos fazer de um modo novo as ações de formação continuada que eram realizadas por outros órgãos, encontramos as novidades advindas dessa nova tarefa, pois precisávamos participar de eventos de letramento e aprender outros usos e práticas de escrita, das quais não tínhamos tido necessidade até então, tais como escrever ofícios, estatuto, cronogramas, programas e planejamento acadêmicos dos encontros e dos congressos. Enfim, surgia um novo conjunto de usos sociais da escrita que não fazia parte daqueles a que estávamos expostas diariamente. Todas as atividades que serão descritas foram realizadas para darem suporte à principal tarefa do grupo: a promoção de um espaço para a formação continuada.

3.1. Mundos⁴ novos de Letramento

Adotamos a definição de letramento de Kleiman (1995:19), segundo a qual letramento seria “*um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos*”. O trabalho desenvolvido pelos membros da diretoria do REELP possibilitou o ingresso em práticas de letramento diferentes das práticas que os professores de ensino fundamental e médio vivenciam em seu cotidiano escolar.

De acordo com Barton (2000, p.11): dentro de uma dada cultura, *há diferentes letramentos associados às diferentes esferas de atividades*⁵. As práticas de letramento são situadas, pois dependem das situações de uso da escrita, bem como dos valores, dos costumes, atitudes, sentimentos atribuídos pelos sujeitos à escrita, como também das relações sociais que estão embutidas nesse processo (Barton, 2000, p. 7).

Criamos um espaço em que circulavam muitos textos que se relacionam ao ensino de língua portuguesa, também trocávamos nossas experiências de sala de aula; havia um espaço de formação para os professores.

3.1.1. Esfera lúdico-afetiva

Os aspectos lúdico e afetivo da linguagem estiveram presentes nas atividades desde o início da criação do grupo. Para a concretização dos nossos objetivos, era necessário chamar a atenção dos professores, cativá-los e instigá-los a participar

⁴ O termo “mundos de letramento” foi emprestado de David Barton (1994), *Worlds of Literacy*.

⁵ Tradução livre.

voluntariamente de nossos encontros. Portanto, precisávamos envolver os professores em um clima acolhedor e prazeroso.

Ainda com o objetivo de seduzir os possíveis participantes, durante os quatro anos de funcionamento pleno das atividades, enviamos cartões de Natal a todos os professores com quem mantínhamos correspondência, mesmo aqueles que nunca foram em nossos encontros. Na confecção dos cartões de Natal escolhíamos um poema, às vezes um fragmento de um poema, de poeta consagrado da literatura para enviarmos nossa mensagem, ligando sempre o conteúdo do poema à participação no REELP.

3.1.2. A esfera do administrativo/financeiro do REELP

A questão financeira foi e ainda é um dos primeiros entraves na realização dos eventos do grupo. Como manter atividades sem receber o auxílio de nenhum órgão governamental ou não-governamental? A opção para cobrirmos os custos das atividades foi de cobrar dos professores que fossem aos encontros uma pequena quantia.

Um outro mundo de letramento no qual tivemos que entrar foi o jurídico, para a legalização do grupo. Em 1998, elaboramos o estatuto do REELP, tendo como parâmetro o estatuto da ALB (Associação de Leitura do Brasil).

3.1.3. O mundo acadêmico

Um dos principais objetivos do grupo era estabelecer um espaço de intercâmbio entre a produção acadêmica sobre o ensino de Português e a prática dos professores. A elaboração de palestras, cursos, lançamentos de livros, publicações de jornais e congressos foi uma experiência inédita para os membros da diretoria do REELP, pois tais práticas acadêmicas não fazem parte do cotidiano dos professores do ensino fundamental e médio. Até então, nossa participação em tais eventos, quando era possível participar, era na periferia, como ouvintes.

4. AS REPRESENTAÇÕES E AS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS: UMA QUASE MUDANÇA.

O objetivo deste capítulo é analisar as entrevistas fornecidas pelas professoras que participaram das atividades do REELP, como ouvintes ou como organizadoras. A partir dos depoimentos, procuramos fazer um levantamento e análise do léxico recorrente, procurando as semelhanças nas formas de expressão. A linguagem das professoras será analisada à luz da teoria de Fairclough (2001) sobre os efeitos construtivos do discurso, a saber: as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença do sujeito, entendendo que *discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (idem, p.91).*

As representações sociais, segundo Barbosa (2004, p.50), *representam o movimento do sujeito que, diante dos temas e objetos do mundo, analisa, recorta, resume, lê, interpreta e produz significados*. Sendo assim, o modo como o professor vê a si mesmo enquanto profissional está marcado socialmente pelas relações que ele estabelece com o modo como os sentidos estão construídos pelos diversos agentes sociais, inclusive ele mesmo, sobre o que é ser professor naquele momento histórico. Pudemos perceber alguns indícios que demonstraram pequenas alterações nas representações sociais das professoras com relação ao seu trabalho desenvolvido em sala de aula, pois, de certo modo, ao falarem sobre o que foi experienciado no REELP elas vão dialogando com as representações que circulam em nossa sociedade, especialmente nos trabalhos acadêmicos, sobre o trabalho docente.

4.1. Representação e auto-representação

As representações sociais das professoras que circulam em nossa sociedade através dos diversos meios (mídia, texto acadêmico) estão relacionadas ao despreparo para exercerem sua profissão. Não são consideradas representantes legítimas da cultura letrada, não lêem e não escrevem (Batista, 1998; Britto, 1998). As professoras dialogam com tais representações e explicitam nos seus depoimentos como se sentem inseguras, desvalorizadas, desatualizadas e carentes de uma formação que as prepare para os problemas cotidianos de ensino de leitura e de escrita.

Ao descreverem as suas participações nas atividades do REELP, as professoras apontam para um processo de transformação de sua identidade profissional. Para isso, utilizam-se de algumas metáforas para se referirem ao que experienciaram no REELP.

Também vão construindo uma nova posição identitária, pois relacionam as questões de sua formação inicial, de sua condição de solidão ao desenvolver seu trabalho e de sua auto-estima com “os ganhos” que obtiveram no REELP.

4.2. Os saberes experienciais

De acordo com Tardif (2002), os saberes experienciais são validados pela prática. As entrevistadas indicam que ao falarem sobre as suas experiências em sala de aula, percebem que possuem um saber válido sobre como ensinar.

Segundo os depoimentos, no espaço das atividades promovidas pelo REELP, as professoras engajaram-se em diversos processos de autoformação, isto é, apropriaram-se de diversos saberes, construíram uma imagem mais positiva, e uma prática mais autônoma. A realização dos eventos do grupo eram todos autogerados, pois encontraram um espaço em que puderam reconhecer os seus conhecimentos experienciais.

4.2.1. Novas práticas docentes: uma possibilidade para sair da mesmice da escola

Nessas lembranças, as professoras realizam as transformações relacionadas à função ideacional de Fairclough (2001). Assim, um importante desempenho do REELP, apontado nas entrevistas seria a mudança nas práticas docentes. Uma prática que ocorre nas entrevistas, pelo impacto que exerce na prática docente, refletido nas elaborações das professoras entrevistadas, é o uso do livro didático.

Ao relatarem sobre suas práticas com relação ao livro didático, as professoras, de certo modo, estão respondendo às críticas feitas sobre o uso de tal recurso em sala de aula. E assim vão construindo a sua história sobre sua experiência no REELP avaliando o que consideraram como sucesso, como um avanço em oposição ao modo como desenvolviam o seu trabalho, isto é, o antes e depois, hoje.

Segundo as professoras, as experiências que elas tiveram no REELP auxiliaram-nas em suas práticas cotidianas, dando o suporte necessário para que mudassem e ficassem mais independentes do livro didático.

4.2.2. As professoras e sua relação com a escrita

Fica evidente nas entrevistas que as professoras têm poucas oportunidades de escreverem textos extensos, densos, mas, também fica evidente que elas não reconhecem a função da escrita nas suas práticas cotidianas, sejam elas familiares, comerciais, religiosas, ou ainda, escolares e/ou administrativas, reconhecendo como exemplo de escrita somente o texto acadêmico e literário, ou seja, o texto legitimado por instituições de grande prestígio. Alegam que não há uma exigência para que o professor escreva, sem perceber, por exemplo, como escrita tudo o que escrevem para a realização de seu trabalho, tal como: preenchimento de diários, fichas de acompanhamento, relatórios, preparação das aulas, bilhetes, planejamento de curso, elaboração de projetos, etc. Esse reconhecimento do texto acadêmico como escrita é que traz a imagem de texto elaborado e mais difícil.

Apesar de as professoras não terem alterado sua auto-imagem em relação aos usos e domínios da escrita, as atividades do REELP proporcionaram outros conhecimentos que auxiliaram-nas em suas práticas cotidianas, no local de trabalho, especialmente, em relação ao uso do livro didático.

CONCLUSÃO

A nossa análise das entrevistas mostrou que as professoras entrevistadas distinguiam, nos seus depoimentos, duas importantes funções do REELP, ao favorecer: 1) uma mudança na auto-representação das participantes do grupo, que passaram a se sentir melhor em sua condição de professoras, pois o REELP apresentou-se como um

lugar seguro, que permitia realizar uma experiência de autoformação; 2) a descoberta dos saberes experienciais das professoras, que são plurais, estratégicos, temporais, variados, heterogêneos, de ordem pragmática e biográfica, personalizados, situados e desvalorizados, pois o REELP se lhes apresentou como uma agência de formação, que possibilitou também que algumas professoras estabelecessem uma relação diferenciada com o livro didático, passando a utilizá-lo como um dos recursos disponíveis.

Finalmente, por considerarmos a experiência valiosa, que merece ser repetida, vale a pena traçarmos um princípio geral para a formação continuada: *veja o professor como o outro em sua interlocução.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M.V. (2004). *Entre o sim e o não, a permanência – o discurso do graduando em Letras sobre o ensino de língua materna*. Dissertação de Mestrado. – IEL/Unicamp.
- BARTON, D. & HAMILTON, M. (2000). “Literacy practices”, in BARTON, D. et.al *Situated literacies: reading and writing in context*. Londres: Routledge.
- BATISTA, A.A.G. (1998) “Os professores são ‘não-leitores’?”, in: MARINHO, M. & SILVA, C.S.R. (orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: ALB & Mercado.
- BRITO, L.P.L. (1998). “Leitor interditado”, in: MARINHO, M. & SILVA, C.S.R. (orgs.) (1998). *Leituras do professor*. Campinas: ALB & Mercado de Letras.
- CATANI, D.B. (2000). Estudos de história da profissão docente, in: VEIGA, C.G.; LOPES, E.M.T.; FARIA, L.M.(orgs). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Ed.Autentica.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- KLEIMAN, A.B. (2002). “Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino”, in: RÖSING, T.M.K. & BECKER, P. (orgs.) *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UFP.
- _____. (1995) “O que é letramento?”, in KLEIMAN, A. B.(org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- NÓVOA, A. (1995). “O passado e o presente dos professores”, in: NÓVOA, A.(org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora. (2ª.ed.)
- SOARES, M.B. (1996). *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. Revista da Educação AEC, nº 101, p. 9-26.
- TANURI, L.M. (2000). *História da formação de professores*, in: Revista Brasileira de Educação nº 14.
- TARDIF, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.